



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

UMA REFLEXÃO DECOLONIAL SOBRE O MÉTODO NA EDUCAÇÃO

Henri Luiz Fuchs, Gilberto Ferreira da Silva (orient.)
UNILASALLE

Resumo

O texto decorre do projeto de pesquisa doutoral “As concepções e as práticas dos educadores nas licenciaturas desde a organização do trabalho docente no currículo sob a perspectiva da decolonização”, vinculado ao PPG Educação da UNILASALLE. O objetivo é problematizar o método na perspectiva decolonial que objetiva um rompimento com o padrão científico moderno e do sistema econômico que impõem uma metodologia e episteme coloniais. Através da metodologia busca-se construir uma proposta participativa de transformação da educação no contexto latino-americano.

Palavras-chave: *Metodologia, decolonial, educação.*

Área Temática: Educação

1. Introdução

A presente reflexão busca problematizar o método na pesquisa educacional sob a perspectiva decolonial. Essa problematização está relacionada com as dificuldades metodológicas decorrentes da ciência moderna que se baseia na observação e comprovação dos dados objetivados pelo pesquisador sobre a realidade, abrindo um espaço de distanciamento entre a realidade e o autor da pesquisa, o que gera dados e conhecimentos tornados abstratos e, de alguma forma, imobilizadores de transformações na realidade.

A produção de conhecimentos acadêmicos decorre de um processo árduo de reflexão, análise e crítica sobre os dados produzidos e coletados por meio de um procedimento investigativo. A ciência moderna tem desenvolvido propostas metodológicas para a ciência com o objetivo de analisar e explicar os fenômenos sociais, psíquicos, naturais, religiosos, entre outros.

Thomas Kuhn (2006) aponta que a ciência é realizada a partir de paradigmas. Toda a pesquisa decorre de um cânon científico reconhecido por uma área do conhecimento. Mas, para que ocorram mudanças e avanços científicos ou revolução científica, torna-se necessário quebrar o paradigma, apesar das limitações e dificuldades que uma nova proposta científica apresenta.

A realização de uma pesquisa no campo das ciências humanas se depara com paradigmas que garantem a sua legitimidade científica. De acordo com Minayo (2002), o positivismo, a objetividade, o compreensivismo (fenomenologia, etnometodologia, interacionismo simbólico) e o marxismo (dialética) são algumas das abordagens metodológicas utilizadas nas Ciências Sociais. Essas metodologias estão “relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos.” (MINAYO, 2002, p.17-18).

A metodologia da pesquisa nas ciências sociais, conforme Minayo (2002), está fundamentada em cinco aspectos, a saber: 1) o contexto histórico, marcado pela provisoriedade, dinâmica e especificidade do espaço-tempo; 2) a consciência histórica através da qual os seres humanos, individual ou em forma de grupos ou sociedades, organizam as estruturas sociais baseadas nos significados e intenções; 3) há uma identidade entre o investigador e os seres humanos com os quais se realiza a pesquisa que os tornam imbricados e comprometidos mutuamente; 4) a visão de mundo, a ideologia, é parte intrínseca e extrínseca “está

UNIVERSIDADE
LaSalle

www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

implicada em todo processo de conhecimento, desde a concepção do objeto, aos resultados do trabalho e à sua aplicação” (MINAYO, 2020, p. 14); 5) é essencialmente qualitativa, pois “aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações.” (MINAYO, 2020, p. 14).

Ao refletir sobre a metodologia, estamos, simultaneamente, analisando as dimensões técnica, ideológica e científica. Essas dimensões são inseparáveis enquanto pesquisa. Ao considerar toda a trajetória de produção de conhecimentos a partir do contexto latino-americano, percebemos que há outros métodos de pesquisa que conduzem a possíveis mudanças no cenário pluriversal e pluritópica ética e epistêmica, conforme Mignolo (2008), da cultura latina em contraposição à epistemologia acadêmica científica difundida a partir do centro de poder colonial, eurocêntrico e estadunidense.

Uma metodologia com perspectiva decolonial se funda na história dos povos e culturas subalternizadas por meio de relações de poder estabelecidas sob princípios epistemológicos e científicos fortemente identificados com a modernidade europeia. A metodologia decolonial está vinculada com uma pesquisa investigação-ação-participante, segundo Fals Borda (1987), que visa, por meio do diálogo simétrico ou equivalente entre pesquisador e participantes, a reflexão, a consciência coletiva e a práxis transformadora.

2. Marco Teórico

A metodologia decolonial emerge de um contexto de denúncia e rompimento com o paradigma científico moderno que se funda nas relações de poder e conhecimento colonial. A decolonialidade expressa uma subversão mais ampla, não somente política, mas também “todas as relações de poder implicadas na cultura, no conhecimento, na educação, nas mentalidades e na organização socioeconômica.” (MOTA NETO, 2015, p. 16). Essa concepção epistêmica, gnoseológica e metodológica parte do movimento de investigadores, ativistas e intelectuais, especialmente latino-americanos, que constituíram o Grupo Modernidad/Colonialidad no começo do século XXI (BALLESTRIN, 2013). Esse grupo propõe um giro decolonial como forma de romper com a ciência colonial e imperial herdada que se baseia na superioridade racial europeia difundida inicialmente pelos portugueses e espanhóis a partir do século XVI. Essa ciência hegemônica pode ser compreendida como uma extensão do pensamento econômico que defende um conhecimento objetivo, científico e universal, que gera o desenvolvimento de sociedades mais avançadas como consequência racial/étnica (QUIJANO, 2002).

A partir dos relatos do peruano Waman Poma de Ayala (1616) e do martinicano Franz Fanon são denunciadas as posturas “racial-política-epistêmica-ontológica-existencial” (WALSH, 2013, p. 33) que marcam a colonialidade. É com base na qualidade do ser branco, civilizado, cristão e heterossexual (SILVA, 2015) que se funda uma epistemologia que sustenta o paradigma do método da ciência moderna atual. Em decorrência dessa concepção de ciência, os conhecimentos locais são suprimidos por um conhecimento que, de forma violenta, assepsia toda epistemologia e cultura das sociedades (SANTOS; MENEZES, 2009) que estão fora do padrão de poder mundial (QUIJANO, 2002). Mas, de acordo com Grosfoguel, “Ninguém escapa às hierarquias de classe, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas, geográficas e raciais do ‘sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno’.” (2009, p. 386).

A metodologia investigação-ação-participante (IAP) desenvolvida por Orlando Fals Borda confluenta com as ideias de Paulo Freire não visa estudar os subalternos, mas com os subalternos (MATO, 2014). Conforme Mato (2014), para Fals Borda, em qualquer projeto de pesquisa ou trabalho político, o conhecimento próprio de cada pessoa e comunidade deve ser considerado como um elemento central.

A IAP, ao retomar a unidade dialética entre teoria e prática, transformou a pesquisa numa constante ação criativa, tanto para os pesquisadores quanto para os atores sociais, superando a ciência hegemônica que submete os saberes locais aos preceitos colonizadores.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

A metodologia investigação-ação-participante busca, por meio da relação dialógica, criar espaços outros para debater, discutir, analisar, intervir e produzir conhecimentos locais e ancestrais fundados na epistemologia, identidade, ontologia e política (WALSH, 2007) próprias de cada contexto social.

Fals Borda (2009) concebe a IAP como uma perspectiva endógena de conhecimento em contraposição às escolas exógenas funcionalistas-positivistas. A metodologia da IAP pode ser vinculada aos princípios da Abya Yala (terra de vida) da “relacionalidade, correspondência, complementaridade, ciclicidade, inclusividade e solidariedade.” (STRECK; ADAMS, 2010, p. 3). Nesse sentido, Freire (2003) concebe a participação relacionada com o exercício da expressão, de ter voz, de tomar decisões e não com o de ser consultado sobre o que é pertinente para si e para a sua comunidade.

No campo educacional, a pesquisa baseada nos princípios da IAP requer uma ação intencional de rompimento com o paradigma colonial que tem contribuído para a manutenção do status quo acadêmico e social. A pesquisa educacional decolonial deve produzir conhecimentos no e com os envolvidos no processo investigativo a fim de tornar os mesmos capazes de compreender e transformar as práticas educativas que envolvem simultaneamente a educação, a pesquisa científica e a ação política.

3. Metodologia

A pesquisa que será desenvolvida como parte do projeto de doutoramento em educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unilasalle, na linha de pesquisa Pesquisa “Formação de Professores, Teorias e Práticas Educativas”, busca fundamentar sua metodologia na investigação-ação-participação. A partir de um convite dirigido aos docentes que atuam nos cursos de licenciatura no Campus Bento Gonçalves do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, será constituído um grupo de reflexão e pesquisa para compreender o contexto educativo e as possibilidades de uma prática educativa decolonial. Esse grupo será composto por aqueles docentes que se sentirem desafiados a refletir sobre suas práticas em um contexto específico, local, e simultaneamente global. A partir da análise dos conteúdos e metodologias de ensino adotadas nas práticas docentes, com base nas orientações legais, buscaremos construir possibilidades de mudanças que proporcionem maior inserção na realidade local e regional marcada pela diversidade cultural que está inserida de forma caricaturada no currículo. Através de encontros a serem definidos em conjunto com os participantes, será desenvolvido um programa de atividades que incluirá o estudo da teoria decolonial, a análise dos conteúdos e práticas docentes e a construção de propostas de investigação-ação-participante nas práticas educativas individuais e coletivas.

Referências

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013.
- FALS BORDA, Orlando; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Investigación Participativa**. Montevideo: La Banda Oriental. 1987.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____. **Pele branca, máscaras negras**. Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <http://unegro.org.br/arquivos/arquivo_5043.pdf> Acesso em: 8 ago. 2016.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 383-417.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MATO, Daniel. No “estudiar al subalterno”, sino estudiar com grupos sociales “subalternos” o, al menos, estudiar articulaciones hegemónica del poder. **Desafíos**, Bogotá/Colômbia (26-1) p. 237-264. 2014. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-40352014000100008> acesso em 06 jun. 2017.
- MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: A opção decolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf> Acesso em: 03 mar. 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (Coleção temas sociais).
- MOTA NETO, João Colares da. **Educação popular e pensamento decolonial Latino-Americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, Marília – SP, a. 17, n. 37, p. 4-28, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. Introdução. In: _____. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 9-19.
- SILVA, Janssen Felipe da. Sentidos da avaliação da educação e no ensino e no currículo na educação básica através dos estudos pós-coloniais latino-americanos. **Espaço do Currículo**, v. 8, n. 1, jan./abr. 2015, p. 49-64.
- STRECK, Danilo; ROSA, Carolina Schenatto da; LODI, Leonardo Camargo; DAUDT, Paloma de Freitas. **Pesquisa como autorreflexão na ação: uma experiência metodológica**. 2015. Texto inédito.
- WALSH, Catherine. Son posibles unas ciencias sociales/culturas otras? Reflexiones en torno a las epistemologias decoloniales. **Nômaditas**, Universidad Central, Colômbia, n. 26. Abr. 2007.
- _____. **Pedagogias Decoloniales**. Praticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya Ayla, 2013.